



Trump ameaça polo exportador de petróleo

Presidente dos EUA avisa que vai "obliterar" Kharg, responsável pelo escoamento de 90% da commodity vendida pelo Irã, caso o regime não libere o Estreito de Ormuz. Netanyahu diz que Israel cumpriu "mais da metade" dos objetivos na guerra

» RODRIGO CRAVEIRO

Situada na parte norte do Golfo Pérsico, a 25km da costa iraniana, a Ilha de Kharg — local do principal terminal petrolífero do Irã — está na mira dos EUA. Em publicação na própria plataforma Truth Social, o presidente Donald Trump prometeu "obliterar" a infraestrutura energética da ilha, caso o regime do país persa não suspenda o bloqueio ao Estreito de Ormuz, via marítima por onde passa um quinto do petróleo produzido no mundo. "Se o Estreito de Ormuz não for aberto imediatamente às operações, encerraremos nossa agradável 'estadia' no Irã explodindo e destruindo completamente suas usinas elétricas, poços de petróleo e a Ilha de Kharg (e possivelmente todas as centrais de dessalinização!), nas quais ainda não 'tocamos', avisou o republicano, que garante estar perto de um acordo para pôr fim à guerra. O Ministério das Relações Exteriores iraniano considera que o plano de 15 pontos apresentado pela Casa Branca contém "exigências em grande parte excessivas, irrealistas e irracionais".

As ameaças de Trump coincidem com indícios de que os EUA estudam uma ofensiva terrestre, com a mobilização de 7 mil militares. Para Richard Nephew — pesquisador do Centro sobre Política Energética Global da Universidade Columbia —, as palavras de Trump sobre a Ilha de Kharg demonstram "grande desespero". "Ele havia dito que adiaria essa mesma ameaça por 10 dias, em resposta a avanços positivos nas negociações. Afinal,



Placa em Teerã com a frase "Cada míssil tem uma mensagem", em alusão à vingança pelos "mártires": infraestrutura energética na mira de Trump

qual é a verdade? Infelizmente, acho que tentar acreditar em qualquer coisa que esse homem diga é tolice", afirmou ao **Correio**.

No caso da "aniquilação" da Ilha de Kharg por parte dos EUA, Nephew acredita que o Irã atacaria instalações energéticas similares espalhadas pelo Golfo Pérsico. "Os Estados Unidos são absolutamente capazes de realizar esses ataques com risco mínimo para o

qual é a verdade? Infelizmente, acho que tentar acreditar em qualquer coisa que esse homem diga é tolice", afirmou ao **Correio**. pessoal americano. Mas esse não é mais o ponto principal. A questão é que fazê-lo acarreta consequências que, a meu ver, seriam consideradas prejudiciais e graves por muitos, incluindo parceiros e aliados dos EUA", advertiu. O estudioso destacou que a Ilha de Kharg é o principal terminal de exportação de petróleo do Irã, responsável por cerca de 90% de suas exportações.

"Rachas internos"

O secretário de Estado americano, Marco Rubio, assegurou que Washington tem recebido "mensagens privadas" positivas do regime iraniano. O chefe da diplomacia dos EUA garantiu a existência de "rachas internos" na República Islâmica, sem especificar. "Há claramente pessoas lá conversando conosco de uma maneira que as

autoridades anteriores no Irã não conversaram", afirmou à rede ABC News. Ele admitiu que o objetivo da guerra é impedir que o Irã produza armas nucleares. "Estas pessoas são lunáticas, insanas. São fanáticos religiosos a quem nunca se deve permitir possuir uma arma nuclear."

Na noite de ontem, o premiê de Israel, Benjamin Netanyahu, anunciou que cumpriu mais da metade



Se o Estreito de Ormuz não for aberto imediatamente às operações, encerraremos nossa agradável 'estadia' no Irã explodindo e destruindo completamente suas usinas elétricas, poços de petróleo e a Ilha de Kharg (e possivelmente todas as centrais de dessalinização!), nas quais ainda não 'tocamos'."

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

de suas metas no Irã. "Definitivamente, cumprimos mais da metade (dos objetivos). Mas não quero estabelecer um calendário", disse à emissora conservadora americana Newsmax. "Acho que o regime (iraniano) vai colapsar por dentro. Mas, neste momento, agora mesmo, o que estamos fazendo é simplesmente degradar sua capacidade militar, balística e nuclear e enfraquecê-los por dentro", disse.

AMÉRICA LATINA

Ajuda de Moscou chega a Cuba

Cuba recebeu, ontem, o primeiro carregamento de petróleo desde a virada do ano — com 730 mil barris — que rompe o bloqueio naval energético imposto à ilha pelos Estados Unidos. O sistema elétrico cubano é baseado em usinas termelétricas movidas a diesel, e a escassez de combustível tem afetado de maneira aguda o fornecimento, com racionamento diário e, ao menos, dois apagões nacionais no intervalo de um mês.

A passagem do petroleiro russo foi negociada entre Moscou e a Casa Branca e enquadrado no âmbito de um alívio das sanções impostas às exportações de óleo russo, como represália pela guerra na Ucrânia. A porta-voz Karoline Leavitt negou, porém, que a medida implique algum tipo de concessão dos EUA ao regime comunista de Havana. "Não é uma mudança formal na política de sanções", disse à imprensa. A Casa Branca, insistiu, decidirá "caso a caso" se permite que novas embarcações com petróleo bruto possam entrar em portos cubanos.

Leavitt negou que a exceção aberta para a remessa enviada pela Rússia seja exceção. Também a presidente do México, Claudia Sheinbaum, tem negociado com empresas privadas locais a venda de combustíveis da estatal Petróleos Mexicanos



Petroleiro atracado na zona industrial do porto de Matanzas: socorro

(Pemex) para revenda a Cuba. O próprio presidente Donald Trump, que determinou o bloqueio naval como parte de uma ofensiva para derrubar o governo comunista, disse que não via "nenhum problema" na chegada a Havana do petróleo russo. "Cuba está acabada: tem um regime ruim, dirigentes péssimos e corruptos e, consigam ou não um navio de petróleo, não vai fazer diferença", afirmou no domingo.

"Ficamos felizes que essa carga de produtos petrolíferos chegue à ilha, ou melhor, que já tenha

chegado", declarou o porta-voz da presidência russa, Dmitri Peskov, em sua entrevista diária para a imprensa, no Kremlin. "A Rússia considera seu dever dar um passo à frente e fornecer a ajuda necessária aos nossos amigos cubanos", afirmou Peskov sobre a chegada a Havana do navio 'Anatoly Kolodkin'.

"Eu preferiria deixar que (o petróleo) entre, seja da Rússia, seja de qualquer outro país, porque as pessoas (em Cuba) precisam de aquecimento, refrigeração e todas as outras coisas", acrescentou o presidente norte-americano.

Revés na reforma de Javier Milei

A Justiça da Argentina impôs um revés momentâneo ao presidente Javier Milei, ao suspender parcialmente a reforma trabalhista aprovada pelo Congresso em fevereiro e defendida pelo governo ultralibertário. Pelo menos 80 dos 200 artigos foram alvo de suspensão cautelar. A decisão atendeu a uma ação apresentada pela Confederação Geral do Trabalho (CGT), principal central sindical do país.

"Comemoramos que a Justiça tenha posto um limite constitucional à reforma trabalhista. A concessão da medida cautelar permite analisar o fundo de direito, enquanto se preserva a paz social", celebrou Héctor Daer, membro da CGT.

Entre os artigos suspensos, estão a eliminação do princípio "in dubio pro operario" (em caso de dúvida, a Justiça decide a favor do trabalhador); a revogação da lei do trabalho remoto; a classificação de trabalhadores de plataformas como independentes e alterações em matéria de greve. A agência de notícias France-Press informou que o juiz suspendeu a criação do Fundo de Assistência ao Trabalhador (FAL) — ele permite que os patrões substituam as indenizações por demissão tradicional mediante



O presidente ultralibertário defende que a lei seja um meio para formalizar os postos de emprego na Argentina

contas de capitalização financiadas por aportes hoje em dia destinadas ao sistema previdenciário. Por telefone, Eduardo Belliboni, 65 anos, líder do movimento Polo Obrero e responsável pela organização de piquetes em Buenos Aires, disse ao **Correio** que o tribunal considerou a reforma de Milei "absolutamente inconstitucional" e "lesiva aos direitos trabalhistas". "Trata-se de uma reforma trabalhista escravagista", observou. "A reforma de Milei elimina direito elementares, como ao descanso dominical e às férias. É uma ofensiva contra os trabalhadores. Nós resistiremos,

como temos feito, com um plano de luta que freie o governo."

De acordo com Belliboni, os trabalhadores argentinos se mobilizarão em uma greve nacional e um plano de luta. "Temos muito baixas expectativas, pois a Justiça está comprometida com esse governo", desabafou. O ativista lembrou que, recentemente, tribunais divergiram sobre a ilegalidade do protocolo antipiquetes da ministra da Segurança, Patricia Bullrich. "A decisão de hoje (ontem) representa um golpe ao governo, mas não temos muita expectativa de que isso avance." (RC)